

DIVERSIDADE E EDUCAÇÃO: AS DIFERENÇAS NA CONVIVÊNCIA ESCOLAR

RELATO DE CASO: ATIVIDADES DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA – PIBID/FAI

Michele Gebert¹
Simone Beatriz Soffiatti²
Sueli Junges³
Jair André Turcatto⁴

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo refletir e analisar a importância da presença da diversidade no contexto escolar, fazendo parte efetiva das práticas pedagógicas e demais atividades. A importância do tema se dá em virtude do grandioso desafio de administrar a diversidade no âmbito escolar, uma vez que as crianças são seres humanos em construção e necessitam de orientações corretas e positivas a respeito de como desenvolver a compreensão desse conceito tão complexo. As experiências relatadas neste trabalho foram realizadas a partir da observação dos alunos nos momentos de acompanhamento das aulas de natação na EEF Porto Novo – Escola Pública Integral em Itapiranga – SC. As atividades realizadas tiveram como objetivo instigar nos alunos o desenvolvimento da compreensão da diversidade presente no grupo e, conseqüentemente, melhorando sua convivência e sensibilizando-os para relacionamentos e resoluções de conflitos de forma positiva e consciente.

Palavras chave: diversidade; educação; convivência.

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema é relevante para o desenvolvimento deste trabalho, pois o mesmo se faz presente nas atuais discussões e, principalmente, se faz presente na convivência humana, uma vez que somos todos diferentes. Assim, é impossível que no ambiente escolar essas diferenças e peculiaridades não apareçam, interferindo e/ou influenciando na convivência e interação das crianças com elas mesmas e com os professores.

A diversidade é um conceito muito complexo e abrangente. O dicionário Michaelis define diversidade como “Qualidade daquilo que é diverso, diferença,

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia na FAI Faculdades e bolsista do PIBID, *michyzinha29@gmail.com*.

² Acadêmica do curso de Pedagogia na FAI Faculdades e bolsista do PIBID, *sy.soffiatti@hotmail.com*.

³ Acadêmica do curso de Pedagogia na FAI Faculdades e bolsista do PIBID, *sueli.junges@hotmail.com*.

⁴ Doutor em Filosofia, docente do Curso de Pedagogia na FAI Faculdades e Coordenador Institucional do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, *jair@seifai.edu.br*.

dessemelhança, variação, variedade. Conjunto que apresenta características variadas; multiplicidade”. Logo, é possível analisar e perceber que somos todos seres com características próprias e que, para um bom funcionamento em grupo, é preciso saber administrar essa diversidade em prol do bem comum.

A importância de trabalhar os valores, como o respeito, a cooperação e a união, junto ao processo de ensino-aprendizagem, justifica-se a partir da percepção da dificuldade de administrar essa complexa diversidade que compõe um grupo ou turma. Além disso, a discussão sobre diversidade também barra no conceito de igualdade, porém Mantoan (2011, p. 20) menciona que “Não somos iguais em tudo, mas conquistamos o direito à igualdade e devemos reclamá-lo, toda vez que nossas diferenças forem motivo de exclusão, discriminação, limitação de possibilidades na escola, na sociedade em geral”.

A escola, além do papel fundamental de desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem da criança, também tem o dever da preocupação com a construção pessoal desses pequenos seres humanos. Muitas vezes, é no ambiente escolar que encontram afeto, compreensão e respeito à sua identidade, sua diversidade. Como cita Moura (2011, p. 45-46), a identidade

[...] trata-se de uma construção tecida em meio a um processo de desenvolvimento de talentos, que tem, na educação, a perspectiva de realização, vez que a ela compete possibilitar que a criança descubra, transforme e se transforme a cada dia [...]

2 DESENVOLVIMENTO

As bolsistas do PIBID desenvolvem atividades de acompanhamento aos alunos que frequentam as aulas de natação na Escola de Ensino Fundamental Porto Novo, em Itapiranga – SC. Durante o período da aula, as bolsistas permanecem na área próxima a piscina desenvolvendo atividades pedagógicas e proporcionando momentos de brincadeira livre aos alunos, já que as turmas são divididas em grupos para melhor aproveitamento da aula de natação.

As atividades pedagógicas desenvolvidas nesses momentos abrangem jogos, brincadeiras e demais atividades lúdicas que buscam proporcionar aprendizagem e interação de uma forma mais divertida e prática. A autora Oliveira (2010, p. 10) defende

que a brincadeira “abre caminho e embasa o processo de ensino/aprendizagem favorecendo a construção da reflexão, da autonomia e da criatividade”.

Com diferentes olhares sob as crianças nesses momentos de brincadeira livre e dirigida foi que surgiu a percepção da dificuldade de convivência dos alunos, de uma turma em especial, a qual se tornou foco do desenvolvimento deste trabalho. A turma 42 - 4º ano da EPI Porto Novo – é formada por cerca de 20 alunos, com faixa etária de 9 a 10 anos e recebeu o olhar especial das bolsistas após muitas situações de conflitos e dificuldade de administrar as diferenças.

Em relação a presença da brincadeira sob o olhar pedagógico, Paniagua e Palacios (2007, p. 77) mencionam que

Assim, por meio da brincadeira, meninos e meninas nos mostram seu mundo, nos relatam suas preocupações ou tensões e, ao mesmo tempo, as expressam e liberam. Por isso é tão importante para eles ter a oportunidade de dar vazão a todo o caudal de conhecimentos e emoções, de exploração e expressão que a brincadeira abrange.

A partir da observação dos alunos da turma 42, foi possível perceber que os mesmos geralmente são agitados, inquietos e muitos são impacientes, o que prejudica muito sua convivência como colegas. O fato ainda interfere no desenvolvimento de qualquer atividade pedagógica ou brincadeira livre e/ou dirigida, pois sempre há o surgimento de conflitos de interesses e gostos, trazendo à tona a diversidade marcante do grupo.

É difícil saber ao certo, através da percepção e do contato com os alunos, quais as possíveis causas desse comportamento e dessa má administração das diferenças no convívio escolar. Porém, La Taille (1994), busca responder em suas indagações os motivos de tal comportamento, trazendo à discussão a questão dos limites e mencionando a importância da disciplina no desenvolvimento humano, culminando no ensino da convivência em sociedade.

Atualmente, incumbe à escola o desempenho de diversas funções, como a mediação e construção de conhecimento, preparação do aluno para viver em sociedade e qualificar mão de obra para o mercado de trabalho. Assim, segundo Aquino (1994), a indisciplina seria um sintoma de relações familiares que não obtiveram êxito em atribuir sua parcela no processo educacional dos filhos, deixando para a escola encarregada de atender essa responsabilidade.

É importante também buscar compreender do ponto de vista do aluno indisciplinado, os motivos alegados que eles apresentam para demonstrar tais condutas. Frequentemente queixam-se do próprio sistema de ensino. Desde a organização dos espaços e horários, até a metodologia utilizada pelos professores que não cativa os alunos, fazendo-os desviar sua atenção para outros comportamentos.

Segundo Galvão (1992, apud REGO, 1994, p. 100), em muitos casos,

o comportamento indisciplinado está diretamente relacionado a uma série de aspectos associados à ineficiência da prática pedagógica desenvolvida, tais como: [...] excessiva centralização na figura do professor (visto como detentor do saber) e, conseqüentemente, pouco incentivo à autonomia e às interações entre os alunos, constante uso de sanções e ameaças visando ao silêncio da classe, pouco diálogo, etc..

Contribuindo com essa discussão, o autor Guimarães (1994), menciona a ainda existente divisão entre professor e aluno, tendo em vista o educador ainda com único portador de conhecimento. O autor considera a importância de utilizar metodologias educacionais que levem em conta as características dos alunos. A organização das atividades escolares deve despertar o interesse dos alunos e, ainda assim, atribuindo mais significado para a aprendizagem.

As atividades realizadas com a turma 42, devido seus conflitos, podem ser analisadas a partir das palavras de Oliver (2000, p. 11), explicando que,

desde o primeiro ano de escolarização as brigas e as discussões surgem muito cedo entre as crianças, tanto no pátio da escola como dentro da sala de aula. Manifestações espontâneas da vontade de apropriar-se de um objeto ou de um território, de impor seu projeto, são, com frequência, a única maneira, embora arcaica, que a criança encontra para regularizar seus conflitos.

Assim, os conflitos aparecem como algo natural do desenvolvimento humano, porém a administração e a forma de resolução desses conflitos devem ser desenvolvidas e trabalhadas arduamente no cotidiano escolar, para assim chegar a um bom resultado.

2.1 METODOLOGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

A metodologia utilizada para este estudo se deu através de atividades práticas durante a realização das aulas de natação, a fim de instigar um olhar mais afetivo sob os colegas e compreender a diversidade como algo positivo. Para este trabalho foram

selecionadas duas brincadeiras: uma tratando diretamente das diferenças, e outra, sobre a cooperação.

2.1.1 Compreendendo as diferenças

A primeira brincadeira desenvolvida com os alunos da turma 42 foi a brincadeira das diferenças, no dia 01 de setembro de 2016. O objetivo da mesma era sensibilizar os alunos para a diversidade presente no grupo, ao mesmo tempo refletindo sobre igualdade e semelhanças/diferenças. A brincadeira desenvolveu-se da seguinte forma: as bolsistas que comandaram a brincadeira dariam algumas características e os alunos deveriam juntar-se em grupos de acordo com suas semelhanças. Por exemplo, com a mesma idade, com o mesmo prato preferido, mesma cor preferida, mesmo número de calçados, e inúmeras outras.

Os alunos demonstraram bastante interesse em participar da brincadeira e, ao perceber que estavam cansados e dispersos, encerramos-a refletindo sobre suas e lições obtidas através da mesma. Os alunos fizeram grandes reflexões e contribuições demonstrando entendimento e compreensão do objetivo da brincadeira. O momento também foi oportunidade para conversar sobre como conviver com essa diversidade e resolver os conflitos de forma paciente e calma, sem agressividade e exaltação.

2.1.2 Cooperando

Durante o nosso trabalho pelo PIBID na EPI Porto Novo também foi realizada uma brincadeira que requer dos alunos uma ajuda mútua para o sucesso de seu desenvolvimento. A brincadeira é conhecida como o “nó humano”, e desenvolve-se da seguinte forma: os alunos formam um círculo e dão as mãos, em seguida se misturam com o objetivo de ficar o mais distante possível das pessoas que estavam ao seu lado. Depois, de onde estão parados, eles novamente devem dar as mãos a quem estava em seu lado formando um nó, precisando da colaboração de todos para que possam se desenrolar e voltar ao círculo inicial.

Atualmente, é perceptível que a escola ainda não habituou-se a substituir as brincadeiras e atividades competitivas pelas cooperativas, já que nossa sociedade também não as valoriza ainda com a devida importância. Sobre jogos e brincadeiras

cooperativas no ambiente escolar, e ressaltando a escolha da atividade para a realidade dos alunos, Brown (1994, p. 38) ressalta que,

[...] falar da cooperação não significa esconder-se da realidade, significa antes descobrir que podemos ser agentes na construção do amanhã. A cooperação é um caminho que pode ajudar a solucionar criativamente problemas e conflitos.

A brincadeira foi realizada na manhã do dia 15 de setembro de 2016, com os alunos da turma 42. Como a realizamos durante o horário da aula de natação, onde temos de acompanhar os alunos que não entram na piscina, não foi possível realizar com todos os alunos ao mesmo tempo, assim sendo realizada com dois grupos em momentos diferentes. As meninas formaram o primeiro grupo para aula de natação, então a brincadeira foi desenvolvida inicialmente com os meninos.

Imagem 1 – Meninos realizando a brincadeira do Nó Humano.



Fonte: arquivo próprio das autoras, 2016.

Os alunos demonstraram bastante indisciplina na realização dessa atividade coletiva, além surgirem inúmeros conflitos e discussões durante a brincadeira. Por vezes foi necessário chamar a atenção dos meninos, pois não se mostravam dispostos a ouvir as orientações e participar. No entanto, durante a brincadeira, apesar de inicialmente ter um comportamento de desinteresse com a atividade, conseguiram se unir e realizá-la com muito esforço de todos.

Em seguida, com a troca de grupos para a aula de natação, a brincadeira foi então realizada com o grupo das meninas. Após as orientações, a brincadeira foi

realizada com muita dedicação, empenho e interesse pelas meninas, sendo concluída com sucesso e praticamente sem presença de conflitos ou discussões.

Imagem 2 – Meninas realizando a brincadeira.



Fonte: arquivo próprio das autoras, 2016.

2.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com essa brincadeira percebemos que foi possível deixar as diferenças de lado, pois os alunos estavam envolvidos na atividade e tiveram um contato muito próximo que, no cotidiano escolar, muitas vezes não existe. Enquanto estavam entretidos na brincadeira, os alunos nem conseguiram notar as diferenças que costumeiramente os impediam de conversar ou brincar em conjunto. Além disso, os alunos exercitaram a sua capacidade de realizar trabalhos em equipe, sendo que podemos definir o trabalho em equipe como um trabalho ou tarefa realizado por um grupo ou conjunto de pessoas.

Segundo SENAC (1996 p. 15), “só existe equipe quando todos conhecem os objetivos, estão cientes da necessidade de alcançá-los e desenvolvem uma visão crítica a respeito do desempenho de cada um e do grupo como um todo”. Notamos o desenvolvimento dessa ideia nos alunos quando, ao término da atividade, os convidamos a depor sobre o que levaram como reflexão e aprendizagem a partir da brincadeira. Apenas alguns alunos tiveram interesse em relatar sua opinião, mas as respostas foram bastante satisfatórias e com essas respostas notamos que alcançamos o objetivo de nossa atividade.

O fato que despertou a atenção durante os depoimentos dos alunos foi a consciência que os mesmos adquiriram de que todos os membros do grupo estão sujeitos a levar as mesmas punições e sofrerem as consequências caso não ajam de forma adequada. E, ainda, que em muitos momentos, não só no cotidiano escolar, precisamos do auxílio do outro para o sucesso de diversas atividades.

Nos relatos dos alunos foi possível notar que foram unânimes em acreditar que a brincadeira foi educativa e os ensinou de forma divertida o quanto é importante o trabalho em equipe. Além disso, perceberam a importância da ajuda mútua, pois quando um colega não desenvolvia corretamente a atividade, todos acabavam errando. Como SENAC (1996, p.14) coloca, “Quando um trabalho é partilhado, os resultados aparecem mais facilmente, os erros podem ser minimizados, reduzidos ou até mesmo eliminados. Os grupos ficam confiantes e passam a ser confiáveis. De uma forma ou de outra, todos ganham”.

Ainda conforme SENAC (1996, p.11),

É muito comum ouvirmos dizer que é no diálogo que reside, basicamente, o segredo de uma negociação. E o que é o diálogo, senão a troca ou discussão de ideias, de opiniões, de conceitos, com vista à solução de problemas, ao entendimento ou à harmonia?

Foi exatamente este o intuito que buscávamos ao realizar essa atividade, chegar a um entendimento através do diálogo, sem que fosse preciso discussões mostrando que de forma conjunta e com a participação de todos conseguimos alcançar um objetivo em comum. Mostrando o valor e a importância de cada integrante do grupo. A negociação por meio do diálogo pode ser utilizada como um importante instrumento educacional, pois estimula a cooperação dos alunos e ajuda mútua promovendo um melhor relacionamento escolar SENAC (1996).

É necessário que se tenha um diálogo saudável com as crianças, pois as discussões acabam dificultando ainda mais a relação professor/aluno e a relação dos próprios alunos como turma, o que faz com que as atividades não ocorram como desejado. A respeito da reflexão e do olhar sob esses momentos, o autor Marques (2011, p. 51), defende que,

A análise da dinâmica social deve ser feita no conjunto das relações e das correlações de forças que formam esse todo social. Tudo o que somos e fazemos está, de alguma forma, relacionado aos vetores que caracterizam o tempo e o espaço vividos. É formada, assim, uma grande teia de relações, na qual todas as pessoas estão diretamente envolvidas.

Sabemos que o projeto não acaba por aqui e que para desenvolver um melhor relacionamento e, conseqüentemente, melhor convivência dos alunos da turma 42, muitas atividades e dinâmicas desse cunho ainda terão de ser desenvolvidas, pois, como todo o ser humano, eles estão em construção e todo desenvolvimento demanda tempo e persistência.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diversidade compõe um conceito simples e, ao mesmo tempo, muito complexo a ser desenvolvido, ainda mais em uma sociedade capitalista que preza muito pelo individualismo e pelo egocentrismo. O desafio de trabalhar as diferenças no ambiente escolar reflete não só em si mesmo, mas fora dele também, na convivência social e familiar. E é um tema que não pode ser desconsiderado do desenvolvimento humano, uma vez que a diversidade nos constitui enquanto seres humanos únicos e peculiares.

A autora Mantoan (2011, p. 11), menciona que,

Cada aluno é um sujeito, cuja complexidade não se mede de fora e que precisa de situações estimuladoras para que cresça e avance em todos os aspectos de sua personalidade, a partir de uma construção ao mesmo tempo social e pessoal, que vai se definindo e transmutando a sua identidade.

Consideramos que, ao término da atividade realizada como base desse relatório, foi possível alcançar nosso objetivo, que era tornar os alunos mais próximos e desenvolver a percepção da importância do trabalho em equipe. Acreditamos que, inclusive, conseguimos trazer uma reflexão ainda maior nos alunos do que a que havíamos previsto, pois eles conseguiram concluir a partir da atividade o quão difícil pode ser o trabalho em equipe, pois o comprometimento de todos é extremamente importante e essencial. Isso devido a consciência que eles conseguiram ter a partir de que as conseqüências dos seus atos são sofridos por todos, da mesma forma que os ganhos do grupo também são igualmente partilhados por todos os integrantes.

Mantoan (2011, p. 61) defende a ideia de que,

Em uma palavra, as escolas de qualidade são espaços educativos de construção de personalidades humanas autônomas, críticas, nos quais

as crianças aprendem a ser pessoas. Nesses ambientes educativos ensina-se os alunos a valorizar a diferença, pela convivência com seus pares.

Ainda conforme Mantoan (2011, p. 63), a importância da presença e do desenvolvimento dessas atividades no ambiente escolar é fundamental, já que “A sala de aula é o termômetro pelo qual se mede o grau de febre das crises educacionais e é nesse micro espaço que as mudanças do ensino verdadeiramente se efetivam ou fracassam”. Assim, é fundamental que o professor tenha um olhar sob esses aspectos de convivência, participando ativa e positivamente desse processo.

Em relação a isso, Paniagua e Palacios (2007, p. 84) mencionam que,

Aos educadores, cabe a tarefa de, por um lado, observar todos esses progressos, assim como as características e necessidades individuais e, por outro, influir sobre elas, fomentando a participação e as interações positivas, procurando reduzir ao máximo os conflitos que se decidem de maneira agressiva, e dedicando uma atenção especial aos meninos e meninas que mostrem mais dificuldades para a inserção social [...]

Dessa forma, o tema escolhido para a realização deste trabalho é extremamente pertinente e necessário não apenas para desenvolver melhores resultados no ambiente escolar, mas também, ao mesmo tempo, contribuir significativamente para a construção pessoal de cada aluno, que constitui-se como ser humano na sua diversidade e individualidade a partir das vivências e relações sociais estabelecidas com os que os cercam.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Gropa. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. 17 ed. São Paulo: Summus, 1994. 39-55.

BROWN, Guillermo. **Jogos cooperativos**: teoria e prática. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1994.

GUIMARÃES, Áurea M. Indisciplina e violência: a ambiguidade dos conflitos na escola. In: AQUINO, Julio Gropa. **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. 17 ed. São Paulo: Summus, 1994. 73-82.

LA TAILLE, Yves de. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Julio Gropa. **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. 17 ed. São Paulo: Summus, 1994. 9-24.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér (ORG). **O desafio das diferenças nas escolas**. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MARQUES, Carlos Alberto. Indivíduo e massa: uma cilada no discurso da identidade. . In: MANTOAN, Maria Teresa Eglér (Org). **O desafio das diferenças nas escolas**. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

MICHAELIS. **Dicionário Escolar de Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

MOURA, Margarida Seabra de. Revisando conceitos: o necessário exercício da construção da identidade a partir das diferenças. In: MANTOAN, Maria Teresa Eglér (Org). **O desafio das diferenças nas escolas**. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

OLIVER, Jean-Claude. **Das brigas aos jogos com regras: enfrentando a indisciplina na escola**. Jean-Claude; Trad. Heloísa Monteiro Rosário. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

OLIVEIRA, Vera Barros (Org). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. 9. Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

PANIAGUA, Gema; PALACIOS, Jesús. **Educação infantil**: resposta educativa à diversidade. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SENAC. **Negociação para o trabalho em equipe**. Francisco F. de A. Rodrigues; Heloísa M. C. Melhado; Sonia Kritz. Rio de Janeiro: SENAC/DN/DEP, 1996. 48p.II. Inclui bibliografia.

REGO, Teresa Cristina R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, Julio Gropa. **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. 17 ed. São Paulo: Summus, 1994. 83-101.